



‘Greve da greve’ termina em bate-boca e empurrão na USP

Alunos contra paralisação fizeram ato em frente ao sindicato, que tentou impedir o protesto

Elda Oliveira

ESPECIAL PARA O ESTADO

Terminou em empurra-empurra a primeira manifestação de estudantes contrários à greve que paralisa parte dos serviços da Universidade de São Paulo (USP) desde o dia 5 de maio.

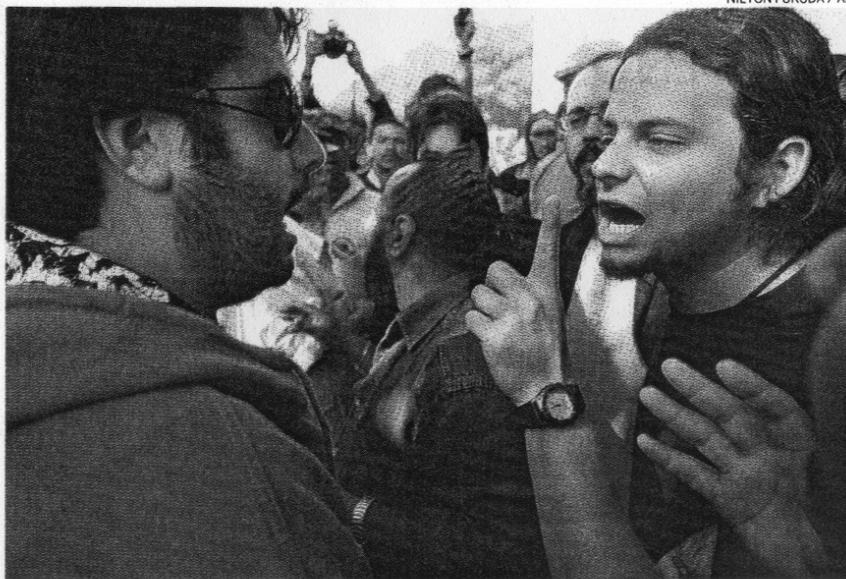
A intenção do grupo era fazer um protesto rápido – conhecido como flash mob – que teria um piquenique em frente à sede do Sindicato dos Trabalhadores (Sintusp) ao meio-dia de ontem. Desde as 10h30, no entanto, um grupo de trabalhadores estava no local para impedir o protesto, que foi chamado de “greve da greve”.

Integrantes do sindicato acusaram os alunos que organizaram a mobilização de “fascistas” por tentar “ferir os direitos do trabalhador de paralisar suas atividades”. Durante a manhã, alunos contrários à greve passaram por unidades de ensino da USP para convidar os colegas para o piquenique. Seis integrantes desse grupo foram expulsos aos empurrões quando atravessavam o espaço próximo ao Sintusp, dentro do bolsão da Escola de Comunicações e Artes (ECA).

O estudante de Engenharia da Computação Ivan Terng, de 24 anos, foi um deles. “Tínhamos combinado uma manifestação pacífica. Estávamos passando e eles vieram nos agredir.”

O aluno de Letras Leandro Paixão, de 41 anos, estava entre os grevistas. “A nossa orientação era não tocar em ninguém. Mas eles que não venham aqui, no espaço do trabalhador, fazer uma provocação.”

De acordo com o funcionário da USP Bruno Mandeli, de 25 anos, alguns alunos levantaram placas com frases agressivas dirigidas ao ex-funcionário da USP Claudionor Brandão, demitido por processos administrativos e para quem os grevis-



NILTON FUKUDA / AE

DISCUSSÃO – Confusão entre integrantes do grupo a favor e contra a greve durou cerca de 15 minutos

CRONOLOGIA

- **5 de maio:** Funcionários da USP decretam greve
- **25 de maio:** Alunos invadem a reitoria após desentendimento com reitores
- **1.º de junho:** Policiais entram no câmpus e liberam a entrada dos edifícios. Funcionários retomam o bloqueio e a polícia retorna
- **9 de junho:** Grevistas fecham o portão 1 da USP. Estudantes entram em confronto com a Polícia Militar no câmpus
- **16 de junho:** Alunos em protesto invadem e fecham restaurante na Química
- **18 de junho:** Grevistas fazem passeata da Avenida Paulista até o Largo São Francisco

FFLCH se manifesta contra piquetes em aulas

... A congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), que reúne diretores de departamentos, divulgou ontem uma moção de repúdio tanto à presença da Polícia Militar no câmpus quanto à violência promovida por grevistas, como piquetes.

Segundo professores da unidade, é a primeira vez que a FFLCH – faculdade que tradicionalmente adere às paralisações – se mani-

esta contra procedimentos usados em greves. O documento afirma que a unidade “rejeita todas as formas de violência praticadas por grupos ou indivíduos impedindo que professores e alunos possam exercer livremente e sem quaisquer constrangimentos as atividades acadêmicas a que têm direito”.

A moção diz que a “preservação de um ambiente pacífico – interno e externo – é condição

essencial para que o pensamento prospere e, portanto, para a própria existência” da faculdade.

Nesta semana, a Faculdade de Educação também divulgou nota em que repudiava a ação da polícia no câmpus e pedia a formação de uma comissão de professores para intermediar as negociações com os grevistas. “É preciso encontrar formas de reabrir o diálogo”, dizia a nota. ●

RENATA CAFARDO

tas pedem readmissão. Para o aluno de administração Yuri Zanoni, de 19 anos, a luta estudantil perdeu o foco. “É a isso que se resume a pauta dos estudantes: pedir a readmissão de um funcionário.”

Durante a confusão, que durou cerca de 15 minutos, mem-

bro da diretoria do Sintusp fecharam barracas de lanche que ficam na área externa do sindicato e servem de alternativa para os estudantes enquanto os bandejeões estão fechados. “Fechamos para evitar o linchamento porque muitos deles estavam por aqui (nas barracas),

disse Magno de Carvalho, diretor de base do sindicato.

A estudante de Economia Luciana Pires, de 19 anos, sentiu-se prejudicada. “Eles ferem meu direito duas vezes. Quero ver para qual grevista eu mando a conta da minha alimentação e do meu transporte.”

As 18h55, os estudantes contrários à greve se reuniram novamente, dessa vez na Praça do Relógio, para mais uma flash mob. Eles gritavam “Fora Brandão” e pediam a volta dos restaurantes universitários e dos ônibus circulares. O estudante de Publicidade Kiko Morente, que organizou a mobilização, estima uma participação de 300 estudantes.

NEGOCIAÇÃO

Ontem, o Sintusp informou que não faria piquetes durante as negociações entre reitores e sindicatos, que ocorrerão na segunda-feira, caso a Polícia Militar saia do câmpus. A reitora Suely Vilela já tinha se comprometido a pedir a retirada dos policiais se os manifestantes se comprometessem a não obstruir acessos aos prédios da universidade. ●